

Resenha do livro “Conhecimento em rede: laços e entrelaços da língua em uso”

Book review of “Conhecimento em rede: laços e entrelaços da língua em uso”

Thiago dos Santos Silva¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Juan Lima de Paula²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Leila Ely³

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O livro *Laços e entrelaços da língua em uso* é distribuído por partes. Na parte I, *Heterogeneidade e complexidade do sistema linguístico*, apresenta-se os capítulos 2 e 3 que discutem a emergência do sistema linguístico; na parte II, *A emergência da cognição e a capacidade de linguagem*, composta pelos capítulos 4 e 5, discorre-se sobre a importância da cognição para esta teoria e a capacidade criativa no uso linguístico; na parte III, *Redes neurais*, formada pelos capítulos 6, 7, 8 e 9, articula-se os conceitos de cognição, memória e conceptualização e como eles se distribuem nas redes neurais; na parte IV, *Redes gramaticais*, referente aos capítulos 10, 11, 12, 13 e 14, aprofunda-se a concepção de redes gramaticais e suas abstrações e distribuição; na parte V, *Redes sociais*, composta pelos capítulos 14, 15 e 16, discute-se sobre a relação indissociável entre língua e sociedade, além de explicar conceitos importantes como aceitabilidade, frequência, direcionalidade, entre outros.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2023). Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019). Graduação em Bacharelado e Licenciatura em Letras - Português/Espanhol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016) com período sanduíche na Universidad de Santiago de Chile (USACH). Atualmente, realiza estágio de Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, contemplado com a Bolsa de Pós-doutorado Nota 10 da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). ORCID : <https://orcid.org/0000-0001-9165-8251>. E-mail : thiagosantos@letras.ufrj.br.

² Mestrando do Programa de Pós Graduação em Linguística da UFRJ (PPGLIN), na área de pesquisa Modelos Funcionais Baseados no Uso, e bolsista CAPES. Possui Bacharel em Letras Português - Francês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de ex-bolsista PIBIC/UFRJ, na área de Linguística (Linguística Funcional Centrada no Uso, especificamente). ORCID : <https://orcid.org/0009-0000-7607-1022>. E-mail : juandepaula1234@letras.ufrj.br.

³ Doutora em Linguística, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (2019) e Licenciatura em Letras Português e Espanhol pela mesma instituição (2017). ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-8221-5974>. E-mail : leylaely@letras.ufrj.br.

Mais especificamente, o capítulo 1, *Primeiras considerações sobre uma teoria baseada no uso*, trata dos conceitos chaves para o leitor compreender a perspectiva sobre a linguística que é baseada no uso, cujo detalhamento decorre ao longo dos demais capítulos. Inicialmente, Alonso e Oliveira mencionam Ronald Langacker, o qual cunhou o termo “baseado no uso”, tendo por significado o conhecimento linguístico do falante no uso real da língua. Outro traço definidor da teoria - e do qual o livro se apropria - é a incorporação de generalizações e de expressões específicas que estariam dispostas em redes em uma perspectiva *bottom-up*. Esses aspectos, sem dúvidas, são o que particularizam a teoria em questão e a diferenciam das vertentes formalistas, por exemplo.

Assim, como se trata de uma perspectiva baseada no uso, duas premissas são levantadas, i) a dimensão cognitiva, que abarca o conhecimento internalizado que o indivíduo tem de uma língua; e ii) a dimensão social, que envolve o conjunto de convencionalizações feitas pelo grupo de falantes. Essas premissas, assim como o entendimento de que o conhecimento é organizado em forma de rede, são centrais para a compreensão do que se segue.

No capítulo 2, *A língua é um fenômeno heterogêneo*, apresenta-se três dicotomias tradicionais nos estudos linguísticos e mostra como a Linguística Baseada no Uso as contesta. O principal argumento é que a língua é um fenômeno heterogêneo, resultado da experiência concreta e socialmente mediada dos falantes. Dessa forma, a primeira dicotomia recai sobre a gramática e o uso, entendidos tradicionalmente como sistema e fala, em que seus estudos se dão de forma separada. Contudo, para os modelos baseados no uso, essa separação é inválida, visto que a gramática emerge do uso linguístico. Logo, o conhecimento linguístico é constituído por meio das interações sociais e das experiências particulares dos falantes, sendo a língua formada por um sistema dinâmico e em constante transformação com categorias fluidas e representações individuais.

Outra dicotomia é a da sincronia vs. diacronia. Nos estudos de Saussure, precursor do estruturalismo, propôs-se a separação da análise linguística sincrônica (estado atual) e diacrônica (mudança no tempo), contudo, os modelos baseados no uso rejeitam tal rigidez na separação. Na verdade, entende a língua como um processo em desenvolvimento constante, tanto histórica quanto ontogenicamente (na aquisição). Logo, gramática e mudança estão sempre interligadas. E, por fim, o capítulo trata das regularidades e idiosincrasias.

Para os modelos tradicionais a língua deve ser dividida entre léxico (irregularidades) e gramática (regularidades). No entanto, as teorias que visam o entendimento da língua com base no uso, em especial a Gramática de Construções, tratam as construções como pareamentos entre forma e função (inclusive expressões idiomáticas), as quais são indissociáveis, e, portanto, igualmente importantes. A não rigidez entre tais dicotomias são importantes para a compreensão dos processos de linguagem, como bem apontam Alonso e Oliveira, sendo os modelos baseados no uso os que oferecem ferramentas para a descrição da realidade linguística como heterogênea, emergente, dinâmica e complexa.

O capítulo 3, *Língua é um fenômeno complexo*, argumenta que a língua deve ser compreendida como um Sistema Adaptativo Complexo (SAC). Isso significa que ela é

resultado de múltiplas interações, com comportamentos emergentes, dinâmicos e imprevisíveis, como acontece em outros sistemas complexos da natureza. Tal sistema é composto, portanto, por diferentes elementos, os quais interagem simultaneamente e estão sempre se auto-organizando e se adaptando; são não-estáticos e não-previsíveis. Segundo Alonso e Oliveira, o comportamento do sistema emerge da interação entre seus componentes – ou seja, o todo é mais do que a simples soma das partes. Neste sentido, a língua é um sistema em constante transformação, afetado pela experiência, pela cognição e pela interação social. Cada falante tem uma gramática individual, construída com base em usos anteriores da língua, que se articula com gramáticas coletivas. O uso linguístico gera padrões, mas esses padrões nunca são fixos – eles estão sempre sendo ajustados, o que mostra o comportamento emergente da gramática nas interações dos indivíduos.

Ainda neste capítulo, os autores apresentam a Concepção de rede, argumentando-se que a língua envolve a interação de três tipos de redes: (i) Redes neurais (processos cognitivos), (ii) Redes gramaticais (padrões de uso e construções linguísticas) e (iii) Redes sociais (dinâmicas de interação entre falantes). Esses três níveis se conectam, influenciam-se mutuamente e moldam o sistema linguístico. O entendimento dessas três especificações de redes é importante para a leitura dos demais capítulos, como o cap. 15, por exemplo.

No capítulo 4, *O que nos torna humanos? Notas acerca da cognição animal e da cognição humana*, pertencente à parte II do livro, Alonso e Oliveira refletem sobre o que diferencia a cognição humana da cognição animal, com foco nas capacidades que tornam possível a linguagem simbólica. Os autores apresentam uma discussão gradual, começando com a cognição em animais e chegando às especificidades do ser humano. Nesta perspectiva, iniciam a discussão sobre cognição animal, trazendo ao leitor a informação de que muitos animais demonstram habilidades cognitivas complexas, como memória, resolução de problemas, uso de ferramentas e comunicação básica, as quais não são exclusivas dos humanos, portanto.

Alguns primatas, segundo eles, aprendem símbolos e gestos, como no caso dos chimpanzés e bonobos. Contudo, não desenvolvem uma linguagem complexa como os humanos. Essas habilidades são contextualmente limitadas e não apresentam os níveis de abstração, generalização ou criatividade que a linguagem humana exige. Alguns casos importantes mencionados no capítulo são os estudos com animais que aprenderam sistemas de comunicação (como a bonobo Kanzi ou o chimpanzé Washoe), mas não há evidência de que eles construam significados complexos ou abstraíam padrões linguísticos como os humanos fazem, o que sugere que a linguagem humana não é apenas um aprimoramento da cognição animal, mas algo qualitativamente diferente.

Dando continuidade, Alonso e Oliveira abordam questões sobre a cognição humana, argumentando que o que nos torna únicos não é apenas a inteligência, mas a capacidade de abstração, simbolização, categorizar experiências e estabelecer relações complexas entre conceitos. A cognição humana é social por natureza e depende fortemente da cooperação, da partilha de atenção e da capacidade de entender intenções alheias. Essa cognição social está diretamente ligada ao surgimento da linguagem simbólica. Assim, o capítulo sustenta que a linguagem humana é resultado de habilidades cognitivas de domínio geral, mas que operam de maneira mais sofisticada nos humanos

por causa de nossas capacidades sociais e simbólicas.

No capítulo 5, *Existe um gene específico para a linguagem humana?*, Alonso e Oliveira investigam se há um gene responsável pela linguagem, focando no famoso gene FOXP2, que tem sido associado à capacidade de falar e compreender linguagem. Como os autores mostram, o FOXP2 ficou conhecido como o "gene da linguagem" após estudos com a família KE, cujos membros apresentavam dificuldades severas de fala. A mutação no FOXP2 está relacionada a problemas motores da fala e outras funções cognitivas, mas não à linguagem simbólica em si. De acordo com estudos científicos sobre o FOXP2, tal gene não é exclusivo dos humanos, visto que outras espécies também o possuem. Assim, sua ação não é específica para linguagem, mas está envolvida em diversos processos cognitivos e motores. Em outras palavras, ele não determina a linguagem, mas pode influenciar mecanismos que auxiliam na produção da fala, como coordenação motora e memória procedural. Tendo isso aclarado, a pergunta que os autores colocam é: qual seria então a natureza da linguagem? Alonso e Oliveira defendem que a linguagem não é um módulo genético isolado, mas um fenômeno emergente, que resulta da interação de múltiplos fatores, como: habilidades cognitivas de domínio geral, socialização, capacidade de simbolização, e sim, certa base biológica (como o FOXP2), mas sem exclusividade determinista. Neste sentido, este capítulo desfaz a ideia simplista de um "gene da linguagem". Em vez disso, defende que a linguagem é fruto de uma rede complexa de fatores cognitivos, sociais e biológicos. O FOXP2 contribui, mas não explica sozinho a singularidade da linguagem humana.

O capítulo 6, *A capacidade humana de linguagem: Criatividade e natureza das generalizações*, finaliza a parte II do livro (*Emergência da cognição e a capacidade da linguagem*) discutindo sobre a criatividade linguística, sua relação com a cognição e a natureza das generalizações internalizadas, em uma perspectiva Baseada no Uso.

Em um primeiro momento, os autores optam por explicar sobre o funcionamento da criatividade linguística. Para isso, é utilizado, de forma eficiente, uma estratégia de revisar dois escritos anteriores: Furtado da Cunha e Cezario (2023), estas rememoram o pressuposto (utilizando Bybee (2010) como referencial) de que usos criativos são possibilitados a partir de construções já estabelecidas na língua e Freitas Jr. et al. (2020), apresenta exemplos utilizando a combinação dos lexemas em LIBRAS, além disso, Oliveira e Alonso também contribuem com sentenças do PB, demonstrando como a produção desses novos enunciados está atrelada ao domínio do parâmetro forma-função pelos falantes, seja na combinação de sinais em LIBRAS, seja na esquematização de padrões no PB.

Ainda neste capítulo, é feita uma discussão sobre a natureza das generalizações, iniciando com um breve questionamento, muito bem representado pela referência à Fauconnier (2006 [1997]): "Podem a linguagem e o pensamento servir de instrumento para a análise da própria linguagem e pensamento?". Os autores ressaltam que, mesmo sendo desafiador ter como meios de análise os próprios objetos analisados, há um grande número de pesquisas que buscam e avançam no entendimento da língua e linguagem. Por sua vez, seria possível argumentar a favor da língua como um sistema cognitivo baseado em generalizações e, referenciando alguns pesquisadores da área (Bybee, Goldberg e

Hudson), Oliveira e Alonso reafirmam que as habilidades cognitivas envolvidas no processo de aquisição de uma língua são de domínio geral e se organizam por meio de relações entre diferentes *links* ou associações, a partir da experiência que o falante tem em situações de comunicação. Dessa forma, seria primordial para emergência do conhecimento linguístico a experiência, assim como qualquer outro conhecimento.

O capítulo 7, *Redes neurais e comportamento emergente*, inaugura a terceira parte do livro (*Redes Neurais*) e apresenta uma discussão ótima para abrir uma nova seção, pois, além de auxiliar na leitura dos capítulos posteriores, também é traçado um panorama sobre o modo de funcionamento das redes neurais, que são muito utilizados na Linguística Baseada no Uso. Nesse viés, os autores utilizam o conceito de *nó*, que representa – matematicamente – o funcionamento de um neurônio que produz informações (*outputs*) que são transmitidas (como *inputs*) para outros *nós*, ou seja, um *nó* pode funcionar tanto como emissor de informações para um conjunto de *nós*, como receptor para um outro conjunto. Ainda, os autores salientam que o verdadeiro poder de um *nó* aparece em uma situação de rede, onde vários *nós* estão interconectados).

Ainda no capítulo 7, Oliveira e Alonso estendem a discussão anterior, dessa vez refletindo sobre ativação, ainda pautando-se em Gluck e Myers (2001), que denominam uma união de *nós* com conexões entre si de rede autoassociativa, onde um mesmo *nó* pode ser tanto *input* como *output*, possibilitando a recepção de fontes externas pelo primeiro, ao mesmo tempo em que o nível de ativação faz parte do segundo. De acordo com os autores, ao ocorrer um *input* externo, se ativa um subconjunto de *nós* na rede, ao mesmo tempo em que outros *nós* estão inativos. Além disso, a capacidade de retomar padrões do cérebro seria de extrema importância, uma vez que, ao armazenar um padrão de ativação em um *nó*, todos os outros *nós* podem ativá-lo, ainda que haja ausência do *input* gerador. Por fim, se argumenta a favor de que uma rede associativa pode recuperar padrões inteiros que foram armazenados anteriormente (conclusão de padrão ou *pattern completion*, no original) e, mais do que armazenar, a rede também é capaz de reconhecer determinados padrões, tomando *inputs* e recuperando padrões similares a eles.

No capítulo 8, *Cognição e memória*, Oliveira e Alonso tratam de processos cognitivos de domínio geral atrelados ao processamento de informações e da memória, numa perspectiva Baseada no Uso. A partir dessa abordagem teórica-metodológica, os autores assumem que: 1) para processar dados linguísticos os falantes utilizam processos cognitivos de domínio geral; 2) a gramática será vista como uma rede de relações de naturezas diferentes e 3) até mesmo as categorias básicas da língua (verbo, nomes...) são entendidas como emergentes e serão afetadas pelo uso real. Partindo dessa premissa, argumenta-se que o modo pelo qual as estruturas linguísticas são armazenadas se relacionam diretamente à forma como os falantes perspectivizam o mundo e sinalizam tais percepções linguísticas por meio de pareamentos de forma-função.

Para justificar as afirmações acima, Oliveira e Alonso utilizam de vários exemplos que demonstram como o processamento da mente humana está ligada a forma como se é forjada a realidade pelos falantes e que o sistema sensorial age de forma integrada; novamente pode-se elogiar como os autores se preocupam em sempre exemplificar com dados, seja por meio de revisão da literatura, seja por meio de outros suportes (como neste

capítulo, utilizando o jornal BBC). Em sequência, a discussão sobre os processos cognitivos é retomada por meio de um esquema (elaborado pelos próprios autores) que representa o processo de retroalimentação, nesse sentido argumenta-se a favor de uma relação *bottom-up* entre a experiência do falante e sua representação cognitiva, além de *top-down* entre a influência das categorias já estabelecidas sobre a forma como se interpreta novas experiências, pois, para Oliveira e Alonso, as categorias (linguísticas e não linguísticas) apresentam gradiência e são afetadas por experiências prévias, que afetam a representação mental dos falantes durante toda a vida, pois, uma vez que essas experiências são formadas (em seus mais variados contextos) elas influenciam no modo como cada falante irá perceber e fazer inferências sobre determinadas unidades linguísticas.

O capítulo 9, *Modos de estar e ver o mundo*, finaliza a parte III do livro (*Redes Neurais*) e apresenta uma discussão sobre processos que estão diretamente relacionados aos domínios da cognição social e da conceptualização. Para isso, os autores dividem o capítulo em duas partes, a primeira parte trata dos processos associados à cognição e o segundo à conceptualização.

Para iniciar a discussão, Oliveira e Alonso introduzem a ideia de que a atenção é uma habilidade fundamental da cognição humana, pois, uma vez que não é possível se aprender tudo da realidade, é necessário que seja concentrado o foco em alguma informação mais específica. Nesse sentido, a forma como se recorta a realidade tem influência direta da perspectiva de mundo de um determinado falante e isso começa desde a época em que se é um bebê. Além disso, recuperando Tomasello, Carpenter e Liszkowski (2007), argumenta-se a favor de que a partir dos nove meses os bebês passem de uma relação didática para triádica, envolvendo tanto a própria criança, como um objeto e outra pessoa. Nesse sentido, o gesto de apontar se mostraria muito importante, porque por meio dele é possível identificar que a criança para além de entender o outro como ser intencional, também compreendeu a intenção do ato. Dessa forma, se interpreta que a comunicação envolve o conhecimento, por parte dos falantes, de que aquilo que se comunica não é somente individual, pois, embora haja recortes de conhecimentos com base nas experiências individuais, também existem conhecimentos coletivos que são compartilhados entre as partes.

A respeito da conceptualização, os autores destacam como a forma que se transmite uma informação é guiada de acordo com a situação que o falante se encontra, levando em conta fatores como as bases comuns (*common ground*) e o design de audiência entre o falante e seu interlocutor. Para exemplificar, Oliveira e Alonso utilizam algumas sentenças, destacamos a seguinte: *Marcelo mandou um beijo para Aline*, é necessário que o falante entenda que o uso do verbo “mandar” não se relaciona a uma forma de envio física (como em mandar uma carta), mas sim mental, embora haja uma relação de analogia entre o mandar de transferência física e o mandar figurado e, para compreender frases como essa, há dois componentes muito relacionados à linguagem, sendo eles: a metáfora e a metonímia, ambos ajudam na conceptualização de conceitos mais abstratos, o primeiro usando as propriedades de um referente ou domínio para compreender outros referentes

a domínios e o segundo direcionando elementos relacionados entre si em um mesmo domínio.

Por fim, outro processo cognitivo ressaltado pelos autores é o de figura e fundo, sendo figura uma subestrutura destacada na comunicação, enquanto fundo seria uma subestrutura que equivale ao restante, ou seja, tudo aquilo que não é figura (é utilizada a definição de Langacker (1987)). Oliveira e Alonso também adicionam a pesquisa de outros estudiosos e propõem um panorama geral muito interessante sobre as definições das características associadas à figura e fundo, argumentando que esse alinhamento daria conta da capacidade humana de atribuir destaque a determinadas partes de uma cena enquanto se coloca outras partes em segundo plano.

O capítulo 10, *Unidades simbólicas*, abre a quarta e penúltima parte do livro (*Redes gramaticais*) e se debruça nas discussões sobre as unidades que nomeiam o capítulo. Nesse sentido, os autores introduzem este de forma muito interessante, trazendo a contribuição de outros pesquisadores que também discutem questões de nomenclatura e definição dessas unidades simbólicas, mas sem se apegar às diferenças entre cada autor e sim focando no que é comum à todos eles: unidades simbólicas convencionalizadas são unidades abstratas que são generalizadas e representadas na mente do falante como um conhecimento de sua língua. A partir dessa premissa, se argumenta a favor de que os conhecimentos se materializam em expressões concretas que são diferentes para cada locutor e, a partir da união das combinações e abstrações de usos diversos, se constrói um conhecimento internalizado.

Oliveira e Alonso justificam, ainda, que à medida que uma pessoa identifica unidades recorrentes na língua e que possuem algum grau de similaridade, ela pode identificar padrões e generalizá-los tornando-os mais abstratos com menor grau de especificação, instanciando os usos que são experienciados durante a sua vida. Nesse sentido, as unidades seriam mais esquemáticas por possuírem menos especificação fonológica e se instaurarem na mente como esquemas mais abstratos. Os autores explicam que esse pensamento só é possível a partir da proposta da Linguística Baseada no Uso, uma vez que sua proposta teórica utiliza o conceito de signo/unidade simbólica/construção (a depender do autor) e aplica-o em unidades maiores do que palavras, fazendo com que seja possível reunir um maior número de unidades simbólicas dos mais variados tamanhos, além de considerar padrões abstratos como algo que se relaciona com instâncias mais específicas.

No capítulo 11, *relações básicas entre unidades simbólicas*, os autores exploram as conexões fundamentais que se formam na rede linguística de um indivíduo, a partir da aplicação de processos cognitivos gerais à experiência prática com a língua. Inicialmente, o foco recai sobre as relações sequenciais entre unidades linguísticas, que emergem da linearidade do significante. Elementos frequentemente usados em conjunto tendem a se associar mais fortemente, formando blocos ou *chunks* que facilitam o processamento e a recuperação linguística em diferentes níveis (fonético, fonológico, morfológico e sintático). Essa sensibilidade às frequências ajuda o falante a prever elementos subsequentes na cadeia linguística.

Em seguida, o capítulo discute as associações simbólicas intermodais, nas quais diferentes experiências (de forma e de significado) que ocorrem simultaneamente acabam se ligando cognitivamente. Essas associações podem ser simples (uma forma para um significado) ou complexas (uma forma ligada a vários significados), com os sentidos sendo ativados de acordo com o contexto. Além disso, destaca-se o mecanismo de ativação por difusão, pelo qual a ativação de um conceito linguístico também ativa outros conceitos relacionados, reforçando a rede semântica por meio da experiência linguística.

Para finalizar, são apresentadas as relações taxonômicas, caracterizadas por diferentes níveis de abstração entre unidades linguísticas. Através da comparação de experiências de uso, o falante forma esquemas que variam em especificidade, organizando-se hierarquicamente. Esses esquemas mais amplos emergem da categorização de padrões similares, permitindo que o indivíduo compreenda e produza estruturas linguísticas com base em generalizações cognitivas. Assim, o capítulo oferece uma visão abrangente de como as conexões linguísticas se formam e se fortalecem cognitivamente, destacando a importância da experiência no uso da língua e da organização mental dos significados e formas linguísticas.

No capítulo 12, *outras relações em rede*, duas formas fundamentais de organização na rede gramatical são discutidas pelos autores: as relações de preenchimento de *slot* e as relações horizontais. As primeiras dizem respeito à forma como construções com *slots* esquemáticos (espaços a serem preenchidos por outras unidades) interagem com outras construções para formar enunciados concretos. Essas relações são regidas por graus variados de restrição, o que determina que apenas certos tipos de elementos possam ocupar determinados *slots*. Um exemplo apresentado é a construção [JOGAR X PELA JANELA], que, quando usada com valor de censura, exige que o elemento X seja algo de valor social abstrato, como "emprego" ou "carreira". Quando outros tipos de elementos preenchem esse *slot*, a construção assume outro significado e passa a integrar outro padrão construcional.

As relações horizontais, por sua vez, ocorrem entre construções situadas no mesmo nível de abstração e podem se organizar em famílias ou alternâncias construcionais com base em semelhanças formais ou semânticas. Esse tipo de relação permite, em alguns casos, a formação de esquemas mais gerais e abstratos, embora nem sempre essa generalização seja possível, como nos casos em que há apenas uma correspondência de forma ou de significado, sem sobreposição entre ambos.

O capítulo também aborda o conceito de produtividade dentro da rede gramatical, mostrando que esse conceito é polissêmico e pode ser entendido em três dimensões principais: regularidade, generalidade e extensibilidade. Dentre elas, a extensibilidade ganha destaque por estar diretamente relacionada à capacidade de um esquema abstrato licenciar novas instâncias construcionais, além de indicar o grau de restrição de um dado padrão. Essa produtividade pode ser observada empiricamente por meio da frequência com que tipos diferentes preenchem os *slots* das construções, o que também permite avaliar o grau de centralidade de determinada construção dentro da rede linguística como um todo.

Já no capítulo 13, *representação da variação e do contato linguístico*, Oliveira e Alonso apresentam uma visão geral sobre como a variação linguística e os fenômenos de contato linguístico podem ser compreendidos à luz de modelos linguísticos baseados no uso, que consideram o conhecimento linguístico como uma rede construída a partir da experiência. Nesse modelo, a linguagem é organizada por processos cognitivos como analogia, categorização e abstração, que estabelecem conexões entre forma e função em diferentes níveis de especificidade.

A rede linguística é composta por nós mais concretos, fortemente ligados à experiência direta, e nós mais abstratos, que agrupam formas alternantes e são menos especificados. Esse funcionamento é ilustrado, por exemplo, na fonologia, com fonemas que carregam tanto propriedades distintivas quanto traços de uso indexical, e na morfossintaxe, com aloconstruções (formas alternantes que carregam informação sobre probabilidade de uso). Essas aloconstruções estão organizadas sob meta-construções, estruturas mais abstratas que integram as variações.

O capítulo também amplia esse raciocínio para sistemas multilíngues, especialmente em contextos de contato linguístico. Ao contrário da visão tradicional que considera as línguas como sistemas separados na mente do falante, a perspectiva baseada no uso propõe uma rede integrada, em que construções mais abstratas compartilham forma e função entre línguas diferentes, sendo chamadas de diaconstruções. Já as construções mais específicas mantêm marcações fonológicas próprias de cada idioma.

Além disso, o texto destaca a importância de investigar com maior profundidade a relação entre variação e não sinonímia, reconhecendo que formas diferentes muitas vezes são usadas para expressar o mesmo conteúdo, sem necessariamente serem intercambiáveis funcionalmente. Por fim, aponta-se a escassez de estudos em redes aplicados a fenômenos complexos de contato linguístico, como pidgins, crioulos, línguas mistas, diglossia ou koineização, enfatizando a urgência e relevância de pesquisas nessa direção para o avanço dos modelos baseados no uso.

O capítulo 14, intitulado *Um modelo de redes para a relação entre língua e sociedade*, inicia a parte V do livro: *Redes sociais*. Nele, os autores examinam a interface entre os estudos linguísticos e os modelos de redes sociais, inicialmente explorando os conceitos oriundos da Sociologia, como ancoragem, acessibilidade, densidade, alcance, conteúdo, durabilidade, direcionalidade, intensidade e frequência. Esses elementos, ao serem aplicados à Sociolinguística Variacionista, ajudam a explicar fenômenos como a variação linguística, a manutenção ou perda de traços linguísticos e o papel das redes densas e multiplexas na preservação ou transformação das práticas linguísticas individuais e comunitárias.

Em seguida, o texto discute a relação entre estrutura social e complexidade linguística, destacando a hipótese do nicho linguístico, que propõe uma correlação entre o número de falantes de uma língua e sua complexidade morfológica. Segundo essa hipótese, línguas com muitos falantes tendem a ser morfológicamente mais simples, enquanto línguas com poucos falantes exibem maior complexidade. No entanto, o capítulo ressalta que essa relação não é definitiva, sendo passível de críticas e refutações, dependendo dos critérios adotados.

Por fim, o capítulo mostra como os modelos linguísticos baseados no uso incorporam essas ideias sociológicas ao nível cognitivo, destacando a proposta de Barlow e Kemmer (2000), segundo a qual os falantes que interagem com maior frequência tendem a apresentar formas linguísticas mais semelhantes, como resultado da internalização de padrões mais recorrentes dentro de suas redes sociais.

Já no capítulo 15, *Redes sociais e a relação entre estrutura linguística e estrutura social*, é apresentada, pelos autores, a hipótese do nicho linguístico, segundo a qual a estrutura das línguas se ajusta à estrutura social das comunidades de falantes. Com o avanço de bases de dados linguísticos, tornou-se possível investigar empiricamente essa ideia, antes limitada por falta de evidências. Estudos indicam que sociedades exotéricas (populosas e com alta interação externa) tendem a desenvolver línguas com morfologia mais simples e inventários fonológicos mais amplos, enquanto sociedades esotéricas (menores e mais estáveis) preservam maior complexidade morfológica e menor diversidade fonológica.

Essa diferença se explicaria pela estrutura das redes sociais: densas e multiplexas nas sociedades esotéricas, favorecendo a manutenção de complexidade; mais esparsas nas exotéricas, o que expõe os falantes a maior variação e favorece a simplificação. Também se discute o papel de falantes adultos em contextos de contato, que podem acelerar esse processo de simplificação linguística, embora tal ideia ainda seja debatida.

Apesar das evidências promissoras, parte da literatura aponta que o impacto de fatores sociais sobre a estrutura linguística pode ser limitado. Ainda assim, o capítulo defende que a Linguística Baseada no Uso oferece uma abordagem teórica eficaz para explorar essa interface entre uso, cognição e sociedade.

Para finalizar o livro, o capítulo 16 apresenta as *considerações finais* dos autores. Nelas, Oliveira e Alonso reforçam que a proposta apresentada é uma introdução pessoal à Linguística Baseada no Uso (LBU), refletindo a perspectiva e os interesses dos autores. A LBU não se define apenas pelo uso de dados empíricos, mas por conceber a gramática como produto da experiência linguística associada a processos cognitivos gerais, e não inatos ou exclusivamente linguísticos. Nesse modelo, a língua é vista como um sistema adaptativo complexo, moldado pela interação entre redes neurais, gramaticais e sociais.

O livro defende que a linguagem é um fenômeno emergente, dinâmico e variável, resultante da interação constante entre cognição, uso e contexto social. Embora algumas áreas tenham sido tratadas de forma breve, como aquisição e mudança linguística, a obra fornece um panorama sólido sobre os fundamentos da LBU e convida o leitor a aprofundar-se na abordagem.

REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan. *Language Usage, and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

COHEN, Henri; LEFEBVRE Claire. *Handbook of categorization in cognitive science*. Amsterdam: Elsevier, 2005.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FREITAS JR, Roberto de. et al. Mudanças graduais e abruptas: reflexões sobre sinais soletrados e compostos da Libras em uma abordagem construcional baseada no uso. *Revista Linguística*, [S. l.], v. 3, n. 16, p. 146-169, 202.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angelica; CEZARIO, Maria Maura. Conhecimento, criatividade e produtividade sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Alfa: Revista Linguística*, v.67, e15041, p-1-27, 2023.

GLUCK, Mark A.; MYERS, Catherine E. *Gateway to memory: introduction to neural network modeling of the hippocampus and learning*. Cambridge/Massachusetts/London: The Mit Press, 2001.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

TOMASELLO, Michael; CARPENTER, Malinda; LISZKOWSKI, Ulf. A new look at infant pointing. *Child Development*. [S. l.], v. 78, n. 3, p. 705–722, 2007. Disponível em: <https://srcd.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1467-8624.2007.01025.x>.

Recebido em: 17/10/2025

Aprovado em: 17/11/2025

Publicado em: 08/01/2026